

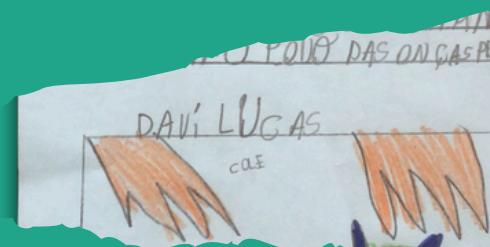
Á E DO AMAZONAS,
YAGUARÉ YAMA
POUO DAS ONÇAS PEQUENAS

Cláudia Maria Ferro de Oliveira
Fabricia Pereira Teles

OFICINAS PEDAGÓGICAS



Literatura Indígena e Ensino de História





REDAÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

Autora

Cláudia Maria Ferro de Oliveira

Orientadora

Fabricia Pereira Teles

Projeto Gráfico

Janderson dos Santos Oliveira
sjanderson709@gmail..com

Ilustrações

[canva.com.](https://canva.com)

[google.com.](https://google.com)

(alunos)





FICHA TÉCNICA:

Nível de ensino a que se destina: Anos iniciais do Ensino Fundamental.

Área de conhecimento: Ensino de História.

Público-alvo: Professores e Alunos dos Anos iniciais do Ensino Fundamental.

Finalidade: Apoio Pedagógico.

Carga Horária Sugerida: 40h

Registro do produto: Pós Defesa.

Divulgação: Digital.

Instituição envolvida:
Universidade
Estadual do Piauí- UESPI

URL: Disponível na plataforma
eduCapes.

Idioma: Português.

País: Brasil.



SUMÁRIO

1. Apresentação.....	06
2. A emergência da Literatura Indígena Contemporânea.....	08
3. A construção do saber histórico por meio da Literatura.....	13
4. Aos Professores.....	15
5. Elaboração do material “Oficinas Pedagógicas”.....	18
6. Público-alvo.....	19
7. Competências.....	19
8. Habilidades da BNCC na disciplina de História.....	20
9. Porque a obra “Puratig: o remo sagrado”.....	22
Sobre a obra.....	25
Sobre o autor.....	26
9.1. Proposta de Oficina Pedagógica 1: Aprendendo História pela Memória Ancestral.....	27
9.2. Proposta de Oficina Pedagógica 2: Aprendendo História pela Sabedoria Ancestral.....	33
9.3. Proposta de Oficina Pedagógica 3: Aprendendo História pela Tradição Ancestral.....	42
9.4. Proposta de Oficina Pedagógica 4: Aprendendo História pelas Vozes Ancestrais.....	48
10. Sugestões de vídeos e de filmes.....	57
11. Considerações Finais.....	59
12. Sobre a autora.....	61
13. Referências.....	62
14. Anexos.....	66





SUMÁRIO

Anexo A A origem do Guarná – versão do Povo Sateré Mawé.....	66
Anexo B O Ritual da Tucandeira.....	69
Anexo C O Puratig ou Porantim (símbolo sagrado).....	70
Anexo D Povo Sateré Mawé – Localização Artesanato e Produção do Guaraná.....	71
Anexo E Grafismo Indígena – Formas e Significados.....	75
Anexo F Como fazer tinta base caseira.....	77
Anexo G Pintura corporal Indígena no Brasil.....	83
Anexo H Pintura corporal Sateré Mawé.....	89
Anexo I Amazônia Sateré Mawé: a essência da vida	92
Anexo J Rio Sateré (Boi Caprichoso – 2019).....	95





A elaboração de um Produto Educacional constitui-se enquanto uma das exigências da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para conclusão dos Mestrados Profissionais. Desse modo, com vistas à articulação entre a formação teórica e a atividade docente, os Programas de Mestrados Profissionais, via de regra, solicitam aos discentes a elaboração de um produto educacional, que suscite um novo olhar para a práxis pedagógica.

Esse material pode ser configurado e organizado em diferentes formatos (sequencias didáticas, roteiro de oficinas, propostas de intervenção e outros) e para diferentes públicos(gestores, professores, pais, alunos etc.)

O Produto Educacional (PE) intitulado “Oficinas pedagógicas: com Literatura Indígena para o Ensino de História” é parte integrante da dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História com o título **“LITERANDO VOZES ANCESTRAIS: do prazer da leitura à construção de saberes históricos sobre os povos indígenas”**, realizado na Universidade Estadual do Piauí (UESPI),sob a orientação da Profª Dra. Fabricia Pereira Teles, no período de 2023 a 2025.





O referido produto é uma ação propositiva, que foi desenhado no formato de oficinas pedagógicas, cuja dinâmica permite a interação entre a teoria e a prática, além de estimular o desenvolvimento da criatividade. A opção por esse, fundamenta-se na trajetória profissional da pesquisadora, que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em decorrência de sua formação em Pedagogia, portanto é fruto de suas experiências, problematizações e inquietações no contexto escolar.

O novo olhar para os povos indígenas motivou a escolha da temática, o recorte da pesquisa foi no campo da produção literária, pois, acreditamos ser possível construir conhecimentos na sala de aula a partir das vozes dos povos originários, através do diálogo entre o ensino de história e a literatura indígena contemporânea. Nessa perspectiva, apresentamos este material didático como contribuição para a compreensão de narrativas com outros sentidos e significados, com o intuito de que os povos indígenas deixem de ser representados a partir do olhar do “outro” e sejam percebidos como protagonistas e produtores de conhecimento.

Portanto, esse Produto Educacional é resultado do desenvolvimento de uma pesquisa-ação realizada com professores e alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola no município de Parnaíba, no estado do Piauí, no ano de 2024. Entretanto, pode ser adaptado a qualquer realidade desde que sejam consideradas as singularidades educacionais, as subjetividades dos sujeitos envolvidos e os contextos socioeducacionais em que a instituição de ensino esteja inserida.





A EMERGÊNCIA DA LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Falar de e sobre literatura indígena implica compreender sua história, compilar definições e conhecer seus representantes, cujos estudos recentemente vêm se consolidando.

A partir da década de 1990 a literatura indígena brasileira emerge com a publicação de obras autorais dos escritores indígenas. Essas produções textuais indígenas auxiliam a recontar e a reescrever a história do Brasil, a partir de uma perspectiva diferente da narrativa oficial.

Vários escritores buscam conceituar essa produção literária indígena.

Para Thiél:

“A literatura tem suas raízes na tradição oral, mesmo a que consideramos canônica, que conhecemos pelas publicações escritas. Portanto, ela é multimodal, composta por múltiplas modalidades de construção de sentido, de expressão oral, escrita, visual etc. No caso da literatura indígena, sua tradição é oral e performática, ou seja, envolve não só a palavra dos contadores de história, sua voz, entonação, mas elementos como dança, música, ilustrações, bem como elementos de tradição ocidental de compor narrativas, poemas, entre outros gêneros literários”(THIEL, 2019, p.2)





A autora evidencia o traço de oralidade presente na literatura indígena contemporânea. Convém lembrar que antes da invasão dos europeus à América já havia uma população ameríndia que produzia literatura, diferente da ocidental. Essa, marcada pela oralidade, expressa nos cantos, nos mitos e nas lendas. Todavia, essa foi sistematicamente negada e silenciada ao longo de quase cinco séculos, permanecendo à margem da tradição literária.

ThiéL destaca o protagonismo indígena nesse período, movido pelo desejo de resistência e de reafirmação de identidade. Desse modo, os povos indígenas, pela busca incessante por seu lugar no mundo, encontraram na literatura uma forma de resistência.

Dorrico (2018) afirma que a literatura indígena ocorre a princípio nas aldeias, na forma de autoria coletiva, a partir da coleta de narrativas realizadas entre professores e alunos, servindo como material didático para a educação escolar indígena. Posteriormente, começaram as produções autorais individuais.

Na visão de Daniel Munduruku (2016), a Literatura Indígena é:





[...] uma forma de atualizar nossos conhecimentos antigos. Por intermédio dela, pretendemos desconstruir a imagem negativa que fizeram de nós [...]. É isso que procuramos manter vivo nos livros que escrevemos, nos filmes que produzimos, nas músicas que compomos, nos cantos que dançamos, nas universidades que frequentamos. Atualizar nossos saberes ancestrais usando os equipamentos que a sociedade, dita civilizada, criou a nossa maneira de mostrar que não somos seres do passado, muito menos do futuro (Munduruku, 2016, p. 192-193).

Pode-se inferir que Daniel quer mudar a figura de indígena que foi apresentada à humanidade, pois somente se teve contato na escola com obras indigenistas escritas por não indígenas, que apresentavam uma visão distorcida desses povos, de uma cultura única. Desse modo, a literatura indígena se consagra com um traço marcante, que é a identidade de cada etnia.





Para Graúna (2013), a questão da autoria é fundamental, uma vez que o espaço nominado de literatura indígena somente pode ser tomado por escritores indígenas, como sujeitos produtores de sua própria cultura. Nesse sentido, os escritores indígenas são agentes autorais de seus povos. Portanto, sua missão é construir uma escrita singular da história de cada etnia, ou seja, a esses é dada a incumbência de imprimir visões de identidade do povo nos escritos da literatura indígena.

A Literatura Indígena não envolve apenas técnicas de escrita, mas comprehende também sentimento, pertencimento, memória, identidade e resistência, um fenômeno cultural e político importante. Nota-se essa relação intrínseca logo na assinatura do autor, que remete ao nome da etnia à qual pertence, a exemplo de Daniel Munduruku, pertencente à etnia Munduruku; Eliana Potiguara, da etnia Potiguara, como um traço que os identifica.





Jekupé (2018) destaca a importância da Literatura nativa, de modo que só ela pode expressar:

Como pensamos, porque não é somente escrever sobre o índio que as pessoas irão entender, pois muitos livros já se escreveram há séculos, mas trouxeram mais preconceito contra nossos povos, por isso vamos conhecer a literatura nativa pra que as coisas possam ser mais compreendidas (Jekupé, 2018, [n.p.]).

O autor mostra que é possível, através da palavra escrita, isto é, da literatura nativa, conhecer mais profundamente o modo de viver, a cultura, as tradições, as crenças e as línguas dos povos indígenas, de forma a compreendê-los melhor.

Os posicionamentos dos autores acima supracitados evidenciam o papel exercido pela literatura indígena. As diferentes denominações, postas pelos autores como Literatura Indígena brasileira contemporânea, literatura de autoria indígena e/ou literatura nativa, reportam-se ao mesmo tema: a produção literária escrita de escritores(as) representantes dos povos indígenas do Brasil.





A CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO POR MEIO DA LITERATURA

O texto literário se faz presente nos processos de ensino-aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento. Dessa maneira, a literatura pode ser inserida nas práticas pedagógicas como instrumento que colabora para a formação integral do sujeito.

Embora de campos distintos, História e Literatura se aproximam. Essa aproximação ocorre a partir de um diálogo entre História e Literatura, fruto de um debate historiográfico de meados dos anos 1980, que passou a considerar a dimensão da linguagem como forma do fazer historiográfico.

Borges (2010, p. 94), em seu entendimento, destaca a “história enquanto processo social, e a literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade possuidora de historicidade e na qualidade de fonte documental para a produção do conhecimento histórico”. Assim compreendida, pode-se sintetizar afirmando que a Literatura é fonte para a construção da narrativa histórica. De igual modo, a Literatura busca na História inspiração para suas obras.

Nicolau Sevcenko (2003 p.29-30) diz que “enquanto a historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser. Ocupa-se portanto o historiador da realidade, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade”. Nesta perspectiva, o referido autor, admite a interseção entre ambas, ampliando o uso de fontes literárias para o ensino de história, de maneira a proporcionar uma visão mais universal e significativa da experiência humana ao longo do tempo.





Com efeito, História e literatura ampliam a possibilidade de diálogo entre estilos diferentes, considerando que uma narra textos históricos, abriga em si documentos históricos e tem o dever de analisar, refutar ou não determinadas fontes para construir sua percepção de passado, enfatizando que o historiador fala de um lugar social e possui subjetividades. A outra com o viés da ficção, permeada por subjetividades, passa a construir suas percepções sobre momentos e ou fatos históricos vividos pela sociedade, tornando-se por excelência uma fonte histórica. Tomada como fonte histórica, a literatura, no ensino de história, deve ser lida a partir de metodologias próprias da disciplina, que implicam em um determinado vocabulário e em questionamentos próprios. “As fontes devem ser usadas como recurso no desenvolvimento da compreensão leitora no ensino de história, o aluno deve ser levado a interagir e decifrar historicamente o documento” (Silva, 2011, p. 119).

Assim, as fontes literárias podem ser entendidas “como documentos de época, cujos autores (os criadores das obras) pertencem a determinado contexto histórico e são portadores de uma cultura exposta em suas criações, seguidores de uma determinada corrente artística e representantes de seu tempo” (Bittencourt, 2011, p. 342).

Em síntese, as fontes literárias desempenham um importante papel no ensino de história, porque contribuem para a construção de narrativas históricas mais ricas e envolventes. Nesse sentido, o diálogo entre História e Literatura na sala de aula pode promover outras interpretações sobre os processos históricos ocorridos no Brasil. A exemplo, cita-se a produção literária escrita pelos povos indígenas, que passa a ecoar, se contrapondo à narrativa oficial.





Essa pesquisa está fundamentada na Lei 11.645/2008 , que tornou obrigatório a inserção no currículo escolar das redes públicas e privadas , o ensino da “História e cultura afro-brasileira e indígena”. Nessa tessitura, se impõe a necessidade de abordar a temática em questão no ensino de todas as disciplinas do currículo da Educação básica.

Vale destacar que a temática indígena, ao longo da história, não tem sido tratada de maneira adequada, por vezes contribuindo para a difusão de estereótipos e preconceitos acerca do indígena, em razão da história desses povos ter sido sempre registrada com o olhar do colonizador. De modo que, na atualidade , a sociedade ainda ignore sua existência e os enxergue apenas como elementos do passado, invisibilizando suas lutas e silenciando suas vozes..

Julie Dorrico (2019, p.03) nos diz que, “O Brasil todo é terra indígena”, portanto, essas literaturas precisam estar no ambiente escolar para que nos auxiliem a conhecer e valorizar os povos e as culturas indígenas, a reconhecer nossas identidades como descendentes desses povos e, sobretudo, a dialogar com os povos indígenas na atualidade .





Vale ressaltar que a opção do formato oficina é porque contempla uma metodologia de trabalho coletivo, que, se bem realizada, pode trazer riquíssimos aprendizados, favorecendo uma educação científica mais crítica e participativa. Para Ferreira (2001) “ pauta-se no trabalho coletivo e na troca de experiências, marcadas pelo exercício do pensar e do criar pelo incentivo à descoberta de novas facetas do conhecimento e a ousadia de reelaboração, compreendida como construção /desconstrução /reconstrução do saber ”(p.8) .

Este material de apoio pedagógico intitulado **“Oficinas pedagógicas: com a Literatura Indígena para o Ensino de História”** foi elaborado com o objetivo de atender o que preceitua a Lei 11.645/2008, bem como possibilitar que professores/as e estudantes não só conheçam as narrativas indígenas mas também, por meio delas, possam em sala de aula aprender e produzir conhecimento histórico acerca das populações indígenas, compreendendo suas lutas e reivindicações , e para além, tornado-os capazes de desenvolver atitudes de respeito pela diversidade e empatia pelo diferente. Para tanto, apresentamos uma proposição dividida em quatro oficinas, tendo como fonte histórica a obra Puratg:o remo sagrado, de Yaguarê Yamã , do povo Saterê Mawé , publicada em 2001.





Por fim convidamos os(as) leitores(as) a percorrer as páginas deste material didático e acompanhar as propostas didático-pedagógicas elaboradas para tratar desta temática nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esperamos que as oficinas possam contribuir para o ensino e a formação nas escolas.

BORA LEITURA E BOM TRABALHO!

PROFA. CLÁUDIA FERRO





ELABORAÇÃO DO MATERIAL “OFICINAS PEDAGÓGICAS”

A experiência realizada em sala de aula, na escola municipal ocorreu com alunos do 1º e 2º ano (turma multiseriada), com idades entre 6 e 8 anos. Organizei apenas três oficinas, em razão do tempo, contudo acreditamos ser possível e ter mais êxito ao realizarmos em quatro momentos, como proposto nesse material.

Mantive e ampliei as práticas que se mostraram eficazes durante a aplicação das oficinas, como por exemplo, realizei a oficina com tinta guache, porém sugiro o uso de tintas naturais, certamente, as crianças vão aprender mais e brincando. Igualmente, inseri outros recursos como o Dicionário ilustrado e jogos como o Jogo da memória, a trila e o dominó, que poderá ser confeccionado pelos próprios alunos .

Para as/os colegas que se interessarem em conhecer mais detalhes da minha pesquisa e das oficinas aplicadas no ano de 2024, sugiro a leitura do capítulo 4 da dissertação **LITERANDO VOZES ANCESTRAIS: do prazer da leitura à construção de saberes históricos sobre os povos indígenas ”**.





PÚBLICO-ALVO DESTE MATERIAL:

Professores e alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

COMPETÊNCIA:

Conhecer os modos de vida dos indígenas do povo Saterê Mawé, utilizando como fonte histórica a literatura indígena contemporânea.





HABILIDADES DA BNCC NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA.

(EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.

(EF01HI03) Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionados à família, à escola e à comunidade.

(EF02HI02) Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades.

(EF02HI03) Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória.

(EF02HI04) Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário.

(EF02HI10) Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância.

(EF02HI11) Identificar impactos no ambiente causados pelas diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive.

(EF03HI01) Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.





(EF04HI08) Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.





PORQUE A ESCOLHA DA OBRA

Puratig

O REMO SAGRADO



Yaguarê Yamã





Por longos anos vivi no Estado do Amazonas, ainda com o pensamento colonizado ignorei por completo a presença e a participação indígena na Historia do Brasil. Como professora, jamais me permiti questionar a ausência desses povos no livro didático. Ao ingressar no Profhistória , confesso que me senti incomodada, na verdade, envergonhada por tamanha ignorância, pois ao pesquisar ler e debater artigos com professores e colegas, conheci o protagonismo desses povos em todos os momentos da nossa história. Quanta garra e resiliência eles tiveram!

Logo, ao decidir o recorte da minha pesquisa, iniciei buscas nas bibliotecas escolares de Parnaíba e em Luís Correia encontrando poucas obras . Visitei também a Biblioteca do Sesc – Caixeral , dessas buscas encontrei ao total somente 11 títulos diferentes, Então, passei a visitar sites na internet, li várias sinopses de livros de autores diferentes , porém ao ler as obras de Yaguarê Yamã , percebi que ela era perfeita para o público que eu havia escolhido. Posto que atende aos preceitos da Lei 11.645/2008, bem como se encaixa na proposta da BNCC para o Ensino de história nas séries iniciais do Ensino Fundamental.





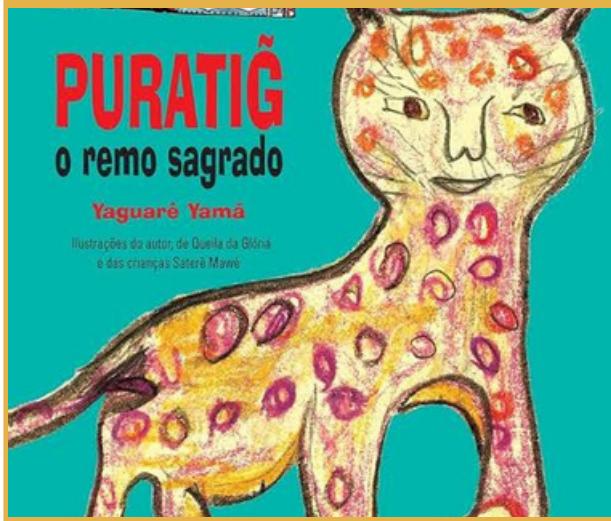
*Nessa perspectiva constatei no livro **Puratig : o remo sagrado** , da etnia Sateré Mawé , narrativas mitológicas que encantam e ensinam, ritos e mitos, costumes, língua nativa, enfim suas histórias ancestrais e suas mensagens. Pois, como afirma Dorrico (2019) “em cada livro conhecemos um autor e o seu povo, [...]Então podemos dizer que cada livro é uma aldeia”. No livro há oito belíssimas histórias que compõem a tradição ancestral dessa população indígena que ocupam atualmente uma faixa demarcada pela Funai, situada nos Estados do Amazonas e do Pará.*





Sobre a Obra

- **Editora:** Editora Peirópolis
- **Data de Publicação:** 01/01/2001
- **Idade de leitura :** 7 - 12 anos
- **Coleção Memórias ancestrais – Povo Saterê-Mawé.**
- **Ilustração:** Por Queila da Glória, pelo próprio autor, especialista em pintura corporal, e pelas crianças Mawé.



Fonte: Editora Peirópolis

SAIBA MAIS SOBRE A OBRA: PREMIAÇÕES

- Selecionado para o Programa Mais Cultura da Biblioteca Nacional 2008.
- Selecionado para o Programa Ler e Escrever da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo - 2007.
- Principal conto escolhido pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) para a coleção publicada pela Martins Fontes.
- Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) 2005.
- Cantinho da leitura pela Secretaria da Educação de Goiás - 2005.
- Programa Nacional do Livro Didático de São Paulo (PNLD-SP) 2003-2004.





Sobre o Autor



Yaguarê Yamã nasceu no Amazonas. Formou-se em Geografia pela Unisa, em São Paulo, onde lecionou no ensino público por dois anos e iniciou sua carreira de escritor. Em 2004, retornou ao seu estado natal e organizou o projeto “De volta às origens”, cujo objetivo era a conscientização, revitalização cultural e a luta pela demarcação das terras do povo indígena Maraguá. Atualmente, mora no município de Nova Olinda do Norte (AM), onde continua dando aulas de Geografia, escrevendo livros e atuando no movimento indígena, como líder Maraguá.

Ao longo das Oficinas ao utilizar esse livro faço referência das paginas entre parênteses. Recomendo a leitura completa do livro antes de iniciar o trabalho com os alunos. A sequencia das oficinas pode ser alterada, sem prejuízo para o processo ensino-aprendizagem.





PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA 1: APRENDENDO HISTÓRIA PELA MEMÓRIA ANCESTRAL.

Objeto do conhecimento: A Cultura do Povo Sateré Mawé.

Objetivo da oficina: Conhecer o nome, língua e localização do Povo Sateré Mawé.





Habilidades da BNCC	Metodologia	Recursos
<p>(EF1HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.</p> <p>(EF02HI02) Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades</p> <p>(EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.</p> <p>(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.</p> <p>(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.</p> <p>(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.</p>	<p>Levantamento de conhecimentos prévios sobre o tema: “Nuvem de palavras”;</p> <p>Observação e análise de imagem – Capa do livro e seus elementos;</p> <p>Sombreamento da sala de aula;</p> <p>Leitura do mito;</p> <p>Reconto da narrativa;</p> <p>Desenho orientado;</p> <p>Pintura;</p> <p>Roda de Conversa;</p> <p>Apresentação de imagens do mito;</p> <p>Registro em diferentes suportes</p> <p>Apresentação do mapa do Brasil;</p> <p>Atividade escrita;</p> <p>Pintura - Mapa Político do Brasil;</p> <p>Confecção de um jogo da memória com as línguas Nheengatu e Sateré – pertencentes ao grupo linguisticotupi.</p>	<p>Livro de literatura Indígena;</p> <p>Quadro Branco;</p> <p>pincel e apagador para quadro-branco;</p> <p>papel chamex;</p> <p>materiais de uso comum (lápis preto, lápis de cor, borracha, régua e caderno.);</p> <p>Mapa Político do Brasil;</p> <p>Cartolina;</p> <p>Cola e tesoura;</p> <p>Caixa de som;</p> <p>Imagens xerocadas do livro;</p> <p>Cavalete;</p> <p>Palha e estopa;</p> <p>Jogo da memória(produção-papelão, palavras duplicadas, feltro)</p> <p>Arco e flecha artesanal (6palitos de churrasco, fio de nylon, fita adesiva, 01 tampa de garrafa pet);</p>

Tempo: 8 horas





Parte 1 – Momento Motivador : Pré-leitura

FINALIDADE DA AÇÃO: Levantamento de conhecimentos prévios

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Organize a sala, antes das crianças chegarem em semicírculo e de preferência, disponha no centro e a frente, um cavalete feito com palhas ou estopa. Nele afixar as imagens que serão usadas na sensibilização.

- Observação de uma grande imagem da capa do livro;
- Mostrar a imagem do autor e do Ilustrador;
- Perguntar sobre o que podemos encontrar nas imagens;
- Fazer o registro em cartaz das respostas das crianças





Parte 2 – Contação: Oralidade e Leitura

FINALIDADE DA AÇÃO: vivenciar experiência ancestral de ouvir histórias narradas pelos mais velhos

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Deixe a sala de aula a mais escurinha possível. Pode usar diferentes recursos para esse fim. Prepare a caixa de som com música instrumental indígena ambiente ou sons da natureza. Essa trilha sonora irá compor o fundo musical da contação.

- A professora deverá contar a história do Mito “A origem dos Mawé” em clima de suspense!
- Ao finalizar a contação, solicitar que os alunos recontem a narrativa, destacando pontos principais – o que mais chamou sua atenção? Por que? O final poderia ser diferente? Como? (Pode-se entregar o livro para que os aluno o releiam e depois o recontem.)
- Apresentar a parte do Livro onde consta o mito “A origem dos Mawé” (p.20 até 23) como elemento de suporte para relembrar a narrativa.
- Organizar uma performance das crianças contando o Mito a partir do que aprenderam ouvindo e lendo.
- Dividir a turma em dupla e pedir que conversem sobre o que aprenderam;
- Registrar em forma de desenho livre o que compreendeu da leitura.





Parte 3 – Momento sistematizador: Conhecendo o povo Sateré-Mawé como parte de nossa ancestralidade

FINALIDADE DA AÇÃO: conhecer conceitos atuais acerca da cultura indígena, especialmente da cultura Sateré-Mawé.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Organize a sala, antes das crianças chearem em semicírculo. Elabore no quadro uma enquete partindo da imagem do indígena, autor da obra, com a seguinte pergunta: A pessoa da imagem é índio ou indígena?

- Organizar enquete com crianças e conversar sobre o resultado e seus conceitos;
- Apresentar o povo Sateré-Mawé, significado do nome e sua riqueza cultural
- Produzir com as crianças um Jogo da Memória com as línguas - Nheengatu e Sateré – pertencentes ao tronco linguístico Tupi. Para esse momento será preciso que as crianças sejam organizadas em grupo. Cada grupo receberá uma placa de papelão, palavras impressas duplicadas. Irão recortar as palavras e colar na base de papelão. Em seguida recortar as palavras dispostas no papelão em formato de quadrado de tamanhos iguais. Brincar em grupo.
- Brincar com arco e flecha apontando a localização no mapa do Brasil, os Estados em que habitam esses indígenas.



Parte 4 – Momento avaliador: Povo Sateré Mawé: minha cultura ancestral

FINALIDADE DA AÇÃO: avaliar as aprendizagens adquiridas para orientação de futuras ações de ensino

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Organize a sala em grupo e forneça o material necessário para produção

- Trabalho em grupo: Confecção de um Dicionário ilustrado com as línguas Nheengatu e Sateré.

OUTRA SUGESTÃO DE ATIVIDADE: Criar em grupo, um pôster temático brincalhão “Verdade ou Mentira” com alguns termos das línguas Sateré e Nheengatu, informações aprendidas da cultura Sateré Mawé que nos fazem pensar se é verdade ou mentira.

OBS: Supervisione os grupos para que os trabalhos sejam bem feitos, pois farão parte de uma Exposição para a comunidade, que será realizada ao final de todas as oficinas.



VOCÊ SABIA QUE: O Brasil registra 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias





PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA 2: APRENDENDO HISTÓRIA PELA SABEDORIA ANCESTRAL.

Objeto do conhecimento: Conhecer a cultura do Povo SateréMawé.

Objetivo da oficina: Conhecer a organização sociopolítica do Povo Sateré Mawé.

Habilidades da BNCC	Metodologia	Recursos
<p>(EF02HI02) Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades.</p> <p>(EF03HI01) Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.</p> <p>(EF04HI08) Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação (cultura oral, imprensa, rádio, televisão, cinema, internet e demais tecnologias digitais de informação e comunicação) e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.</p>	<p>Apresentação de imagens;</p> <p>Observação de imagens;</p> <p>Roda de conversa;</p> <p>Completar a frase;</p> <p>Leitura em voz alta do mito;</p> <p>Registro em diferentes suportes (Papel Peso 40, cartolina)</p> <p>Releitura do mito;</p>	<p>Livro de literatura Indígena;</p> <p>Quadro Branco;</p> <p>pincel e apagador para quadro-branco;</p> <p>Papel chamex;</p> <p>materiais de uso comum (lápis preto, lápis de cor, borracha, régua e caderno.) ;</p>





Habilidades da BNCC	Metodologia	Recursos
<p>(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.</p> <p>(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.</p> <p>(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.</p> <p>(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos as diferentes linguagens artísticas.</p>	<p>Divisão da turma em grupos;</p> <p>Desenho orientado e pintura;</p> <p>Estimular os alunos a manusearam livros de literatura e/ou xerox da capa e da sinopse dos livros;</p> <p>Roda de conversa;</p> <p>Pesquisa;</p> <p>Montagem de um mural coletivo e/ou Confecção de um dominó;</p>	<p>Papel peso 40 e Cartolina;</p> <p>Cola e tesoura;</p> <p>Barbante para varal;</p> <p>Cópias impressas coloridas das imagens em tamanho A4 ou A3.</p> <p>Folhas, gravetos, cascas de árvores, dentre outros materiais da natureza.</p> <p>Jogo de dominó (produção papelão ou papel cartão, canetinhas coloridas);</p>

Tempo: 8 horas





Parte 1 – Momento Motivador - Apresentação de imagens.

FINALIDADE DA AÇÃO: Conhecer os tipos de famílias que compõe atualmente a sociedade brasileira;

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Organizar a sala, antes da chegada das crianças em um grande círculo, colocar um tapete ao centro e distribuir imagens com várias constituições de grupos familiares que representem as etnias e classes presente na sociedade brasileira: (Duas mães, dois pais, um pai e uma mãe, avó e avô, casais idosos, mãe solteira, pai solteiro, família inteira e etc.)

OBS: Essas imagens podem ter formato A4 e serem distribuídas no chão ou na lousa, se preferir podem ser apresentadas em um Data-Show.





- Pedir a turma que observem as imagens. Perguntar sobre: o que as imagens representam? Observar cada resposta dada.
- Refletir com a turma sobre o conceito de família. Pregar um cartaz na lousa contendo a seguinte frase para ser completada: Família é...
- Anotar as respostas e estimular a turma com as perguntas:
- O que precisa para ter uma família?
- Como é sua família?
- Com quem vivem?
- Quem é a pessoa responsável por vocês?
- Vocês observaram a presença de famílias de outras etnias? Qual(is)?
- Como as identificaram?
- Solicitar que destaquem semelhanças e diferenças nas imagens.

OBS: Falar sobre como há formas diferentes de se instituir o que denominamos de famílias, enfatizando que cada cultura tem um conceito diferente que precisa ser respeitado.





Parte 2 – Momento sistematizador – Como os Sateré-Mawé se organizam sociopoliticamente.

FINALIDADE DA AÇÃO: Conhecer a organização social e política do povo Sateré Mawé.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Levar as crianças para área externa, se possível, embaixo de uma árvore ao som da natureza, para ouvir o mito. Após, a contação retornar para a sala de aula.

- A professora deverá acomodar todos em um semicírculo e pedir atenção aos alunos,
- Solicitar que fechem os olhos e imaginem estar no meio da floresta amazônica, cercada de muitas árvores e animais, rodeada por rios.
- Nesse clima, iniciar a narrativa do mito “A origem dos Clãs” (p.26 até 31).
- Ao finalizar a contação, solicitar que os alunos verbalizem o que entenderam (lembrando dos animais e plantas que fizeram parte dessa narrativa).





- Retornar para a sala, registrar em um papel 40, com o auxílio dos alunos, os clãs que forma essa sociedade.
- Roda de conversa – destacando a formação dos clãs, bem como o papel do tuxaua (tuissa), pajé ou xamã para os indígenas Sateré Mawé.
- Dividir a turma em dupla e pedir que releiam o mito. Depois, solicitar que façam um desenho do mito, colocando os animais e plantas mencionados na narrativa. Para essa proposta, disponibilizar folhas (verdes e secas) de diferentes formatos e texturas, gravetos, casca de árvore e areia do jardim para composição da produção artística das crianças.

OBS: Caso o professor(a) prefira, em vez de disponibilizar os materiais naturais de produção artística, incluir na ação a coleta desses materiais da natureza pelas próprias crianças.





Parte 3 – Momento sistematizador: Conhecendo a literatura indígena infanto-juvenil do Brasil, em especial a produção literária dos Sateré Mawé.

FINALIDADE DA AÇÃO: conhecer a literatura indígena infanto-juvenil do Brasil, em especial a produção literária dos Sateré Mawé.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Organize a sala, antes das crianças chearem em semicírculo. Em uma mesa, ou em forma de varal coloque os livros de literatura indígena que você tiver, (caso não consiga, faça xerox da capa e da sinopse de alguns livros) e deixe que os alunos manuseiem esse material.

- Após esse momento, perguntar se já conheciam alguns dos títulos apresentados?
- Quais impressões tiveram dos livros? Quais gostariam de ler? Por que?
- Apresentar alguns autores e Ilustradores;
- Incentivar o respeito e a valorização para essa temática.
- Em seguida, Roda de conversa sobre a diversidade de povos indígenas no Brasil – Será que existe indígena no nosso estado? Quais traços podem identificar o indígena? E o africano? E o branco (europeu)? Alguém aqui se acha parecido com indígena ou com africano? Por que? – As respostas devem ser colocadas no quadro para melhor visualização e análise.





- Falar resumidamente sobre a população brasileira, explorando a diversidade cultural resultante da mistura de diferentes povos (indígenas, africanos e europeus).
- Solicitar uma pesquisa sobre literatura indígena Contemporânea Brasileira, contemplando autores e obras, para o público infanto-juvenil.





Parte 4 – Momento Avaliador - Povo Sateré Mawé – nossa sabedoria ancestral

FINALIDADE DA AÇÃO: avaliar as aprendizagens adquiridas para orientação de futuras ações de ensino.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO : Divisão dos alunos em grupo, distribuição de material necessário para a produção do mural. Trabalho em grupo: Montagem de um grande mural coletivo com o resultado da pesquisa - (colocar imagens das capas dos livros e falar um pouco sobre o autor e ilustrador) Com ajuda das crianças, o trabalho deverá ser exposto para toda escola e para comunidade tomar conhecimento.

OUTRA SUGESTÃO DE ATIVIDADE: Montar um dominó contendo autores e obras indígenas.



VOCÊ SABIA QUE: Daniel Munduruku, autor de mais de 60 livros e ganhador de prêmios literários, como o Jabuti, escreve, principalmente, para crianças e adolescentes. Esse escritor paraense criou ainda um selo editorial e promove outras ações para estimular a produção literária de autores indígenas. Em entrevista recente afirmou que “Nós somos hoje cerca de 120 autores indígenas e existem em torno de 350 títulos no mercado que são efetivamente reconhecidos como produção literária. E isso cresce a cada dia”, contabilizou Daniel.





PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA 3: APRENDOENDO HISTÓRIA PELA TRADIÇÃO ANCESTRAL.

Objeto do conhecimento: Conhecer a cultura material e imaterial do Povo Sateré Mawé.

Objetivo da oficina: Conhecer o ritual da Tucandeira e compreender o significado de objeto sagrado para o Povo Sateré-Mawé.

Habilidades da BNCC	Metodologia	Recursos
<p>(EF02HI04) Selecionar e compreender o significado de objetos e documentos pessoais como fontes de memórias e histórias nos âmbitos pessoal, familiar, escolar e comunitário</p> <p>(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.</p> <p>(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.</p>	<p>Leitura em voz alta do mito;</p> <p>Roda de conversa</p> <p>Desenho orientado e pintura;</p> <p>Apresentar imagens de alguns rituais; (batizado, casamento, de passagem e etc..)</p> <p>Assistir ao vídeo:</p> <p>Atividade oral;</p> <p>Aula expositiva e dialogada;</p>	<p>Livro de literatura Indígena;</p> <p>Quadro Branco;</p> <p>pincel e apagador para quadro-branco;</p> <p>papel chamex</p> <p>materiais de uso comum (lápis preto, lápis de cor, borracha, régua e caderno.</p> <p>Cartolina e Papel peso 40;</p>





Habilidades da BNCC	Metodologia	Recursos
<p>(EF02HI04) Selecionar e compreender o significado de objetos e</p> <p>(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.</p> <p>(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos as diferentes linguagens artísticas.</p>	<p>Observar imagens de indígenas pintados; Pesquisa histórica; Divisão dos alunos em grupos; Preparação de tintas naturais; Oficina de pinturas com tintas naturais; Pintura corporal; Fotografar os alunos realizando as atividades; Montagem do painel coletivo</p>	<p>Cola e tesoura; Equipamento para reprodução de imagem (Datashow, notebook, celular e caixa de som); Cópias impressas coloridas das imagens em tamanho A4 ou A3.</p>

Tempo: 8 horas





Parte 1 – Momento motivador - Contação, oralidade e leitura.

FINALIDADE DA AÇÃO: vivenciar experiência ancestral de ouvir histórias narradas pelos mais velhos.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Decore a sala com alguns objetos da cultura indígena (instrumento musical, artesanato, etc.) e traga, se possível, um remo (deixe-o guardado). Permita que os alunos circulem por entre esses objetos e aguace a curiosidade deles. Em seguida, peça que sentem e apresente aos alunos o livro, vá folheando e mostrando as gravuras, incentivando-os a falar: O que será que tem haver esse remo com os indígenas? E esses vultos na floresta, serão fantasmas? E esses desenhos no remo?

Fazer bastante suspense antes de iniciar a leitura.

- Iniciar a leitura compartilhada do mito: “Puratig: o remo sagrado” (p.32 até 37), apresentando as ilustrações e interagindo com as crianças.
- Ao finalizar a leitura, retomar os questionamentos.:Alguém já viu um remo? (Neste momento você apresenta o remo, caso tenha levado para a sala de aula) É parecido com esse do texto? Qual a utilidade do remo? E qual a utilidade desse remo aqui do texto? O que mais chamou sua atenção nesse instrumento? Por que? Você conhece esse tipo de desenho gravado no remo?
- Levar impresso a figura de um remo e solicitar que os alunos ilustrem da forma que quiserem.





Parte 2 – Momento sistematizador – Conhecendo a cultura material e imaterial do Povo Sateré Mawé como parte de nossa ancestralidade.

FINALIDADE DA AÇÃO: Conhecer a cultura material e imaterial do Povo Saterê-Mawé.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Preparar o data show para projetar o vídeo Ritual da Tucandeira

- Antes da projeção do vídeo. Roda de conversa sobre o que entendem por Ritual? Conhecem algum tipo de ritual? Descreva-o
- Apresentar imagens de alguns rituais; (batizado, casamento, de passagem e etc..)
- Assistir ao vídeo: Ritual da Tucandeira na tribo SateréMawé. Disponível em <https://youtu.be/1RO1QetxF8I>. acesso em 15 de out. 2024. (1'51").
- Atividade oral: Responder as perguntas feitas pelo professor sobre o Ritual da Tucandeira; (O que podem dizer sobre o ritual da tucandeira? Por que somente os homens participam desse ritual? Qual o papel das mulheres nesse ritual? Quem aqui teria coragem de passar por esse ritual? Por que?



VOCÊ SABIA QUE: Os rituais são importantes situações de aprendizagem. Nestes momentos todo mundo aprende: os jovens aprendem mais sobre os valores, princípios e modos de agir do seu grupo e os adultos aprendem com os mais velhos todos os detalhes da realização de um ritual.





Parte 3 – Momento Sistematizador. Conceber a pintura corporal indígena como marca de identidade cultural

FINALIDADE DA AÇÃO:conhecer traços e cores da pintura corporal indígena, especialmente dos Sateré-Mawé.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Organize a sala, divida os alunos em grupos de três para realizar a preparação das tintas naturais e posteriormente, realizar as pinturas..

Aula expositiva e dialogada sobre o Grafismo indígena

- Conhecendo os tipos e finalidades dos desenhos;
- Conhecendo as cores e de onde são obtidas.
- Pintura corporal - identidade;
- Ver imagens de indígenas pintados;
- Roda de conversa.
- Pesquisa histórica – pesquisar diferentes rituais em diversas etnias indígenas.

Disponível em <https://mirim.org/pt-br/como-vivem/aprender>.
Acesso em 17 fev. 2025.





Parte 4 – Momento avaliador - Pintura corporal – nossa identidade cultural

- Confecção e organização do material de pintura corporal com material natural com as crianças.
- Atividade de pintura corporal e/ou desenhos geométricos usando tintas naturais.
- Para finalizar o(a) professor (a), juntamente com as crianças farão a pintura corporal nos alunos, enquanto outros pintam desenhos com grafismos indígenas.
- Fotografar as crianças pintadas;
- Preparar um painel com várias fotos dos alunos formando um mosaico cultural com esse material. (Fotos de rituais – que trouxeram da pesquisa) e pinturas corporais de diferentes etnias. Esse painel fará parte da Exposição.

OUTRA SUGESTÃO DE ATIVIDADE: Pintura em cerâmica (vasos, pratos, travessas, canecas etc..) Confecção de bijouteria.



VOCÊ SABIA QUE: Para boa parte dos povos, as mulheres são responsáveis pela tradição da pintura corporal, ou seja, são elas que pintam os corpos e reproduzem os desenhos simbólicos para sua comunidade e para o momento vivido. Em muitos casos, a pintura corporal se tornou também um símbolo de luta e reivindicação por direitos e reconhecimento, sendo adotada em manifestações e encontros que buscam a valorização e proteção dos povos indígenas e seus territórios. Ou seja, é uma prática ancestral que vai além da estética, carregando significados identitários importantes. .





PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA 4: APRENDOENDO HISTÓRIA PELAS VOZES ANCESTRAIS.

Objeto do conhecimento: Conhecer a cultura do Povo Sateré Mawé.

Objetivo da oficina: Conhecer a produção e a comercialização do guaraná pelos Sateré Mawé e algumas lideranças indígenas.

Habilidades da BNCC	Metodologia	Recursos
<p>(EF02HI02) Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades.</p> <p>(EF02HI10) Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, seus significados, suas especificidades e importância</p> <p>(EF02HI11) Identificar impactos no ambiente causados pelas diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive.</p>	<p>Audição da letra da música “Amazônia Sateré Mawé: a essência da vida”. Acompanhamento da letra da música impressa em uma folha chamex.</p> <p>Levantamento de conhecimentos prévios dos alunos; Contação do mito do guaraná;ou Leitura em voz alta do mito;</p> <p>Roda de conversa; Aula expositiva e dialogada;</p>	<p>Livro de literatura Indígena;</p> <p>Quadro Branco;</p> <p>pincel e apagador para quadro-branco;</p> <p>papel chamex</p> <p>materiais de uso comum (lápis preto, lápis de cor, borracha, régua e caderno.)</p> <p>Cartolina;</p> <p>Cola e tesoura;</p> <p>Castanha de caju, cajuína, suco e doce de caju.</p> <p>Cópia impressa para a produção da receita;</p>





Habilidades da BNCC	Metodologia	Recursos
<p>(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.</p> <p>(EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.</p> <p>(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais .</p> <p>(EF01GE07) Descrever atividades de trabalho relacionadas com o dia a dia da sua comunidade</p>	<p>Reescrita do texto e ilustração;</p> <p>Aula expositiva e dialogada;</p> <p>Pesquisa da receita do guaraná da Amazônia tradicional;</p> <p>Escrita e ilustração da receita e/ou preparo do guaraná (bebida);</p> <p>Pesquisa histórica sobre as lideranças atuais dos SaterêMawé;</p> <p>Trabalho em grupo - Montagem de painel</p> <p>Gravação de vídeo;</p> <p>Organização da Exposição;</p> <p>Decoração do espaço;</p>	<p>Equipamento para reprodução de imagem e som (Datashow, notebook, celular e caixa de som)</p> <p>Liquidificador, água, gelo, guaraná em pó ou xarope de guaraná;</p> <p>Cópias impressas de biografia das Lideranças</p> <p>Cópia impressa da letra da música;</p> <p>Imagen de lideranças;</p> <p>Palha, corda, varal, artesanato, arte indígena para decoração.</p>

Consultar ANEXO F

Disponível em <https://www.terra.com.br/nos/pintura-corporal-indigena-significados-e-origens,5df0b9d91fa8e72123c46ba7521de2e9owzxb2qc.html#:~:text=Muitos%20povos%20utilizam%20a%20pintura,na%20vida%20de%20um%20indiv%C3%ADduo.> acesso em 17 fev. 2025.

Tempo: 8 horas





Parte 1 – Momento Motivador: Apresentação da letra da música “Amazônia Sateré Mawé”.

FINALIDADE DA AÇÃO: Rever os conhecimentos sobre os Sateré Mawé

PREPARATIVOS DA AÇÃO: Organizar a sala de aula, colocando a caixa de som para a audição da letra da música “Amazônia Sateré Mawé: a essência da vida”. Os alunos farão o acompanhamento com a letra da música impressa em uma folha chamex.

- Perguntar para os alunos: Do que trata a música? Ela fala de qual povo indígena? Quem conhece a lenda do guaraná?
- Contar a lenda do guaraná, de maneira que haja mais participação dos alunos. (Ou pode-se fazer Leitura compartilhada do mito: “A origem do guaraná” (p.14 até 19), apresentando as ilustrações e interagindo com as crianças.
- Roda de conversa: Quem já conhecia essa história? Vocês conhecem o fruto guaraná? Parece com que? Quem gosta de guaraná? É refrigerante ou suco? O que mais chamou sua atenção nessa história.
- Reescrita e ilustração da lenda do guaraná.





VOCÊ SABIA QUE: Em 2024, no Festival Folclórico de Parintins, o tema do Boi Garantido, cuja cor é o vermelho, foi “Segredos do Coração”, que falou de origem e ancestralidade. Mostrando o que a Amazônia é e como surgiu, contada a partir do mito do povo indígena Sateré-Mawé .





Parte 2 – Momento Sistematizador – Conhecendo “os filhos do guaraná” como parte da nossa ancestralidade

FINALIDADE DA AÇÃO: conhecer a importância do guaraná para a organização socioeconômica dos Sateré-Mawé.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Trazer para a sala de aula produtos da estação que são considerados importantes para a economia local (por ex. a castanha do caju, o fabrico da cajuína, o doce de caju etc..) Comparar com os produtos dos Sateré Mawé

- Aula expositiva e dialogada;
- Falar sobre a produção do guaraná;
- Da divisão do trabalho na produção do guaraná;
- Preparo e consumo do guaraná ;
- A importância do sakpó (çapó);
- Os produtos comercializados;(pão de wanará)
- Destacar a Consciência socioambiental e o consumo responsável)
- Pesquisar a receita de como preparar o guaraná da Amazônia. (Ingredientes e Modo de fazer)
- Desenho e ilustração da receita; ou preparar a receita em sala de aula





Perguntar: Poderíamos ser chamados de filhos da castanha? (Ou filhos do cacau? – Bahia) (Ou filhos do café (São Paulo) etc..Por que?

OBS: Fazer a receita do guaraná com a turma a partir do resultado da pesquisa.





Parte 3 – Momento Sistematizador - Lideranças do Povo Sateré Mawé.

FINALIDADE DA AÇÃO: Conhecer a atuação de algumas lideranças indígenas do povo Sateré Mawé

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Organize a sala em grupo e forneça o material necessário para produção

- Se possível, promova visitação em aldeia indígena. Isso dará aos alunos a oportunidade de vivenciar a cultura indígena.
- Convide um membro de uma comunidade indígena para falar na escola.
- Apresente imagens de lideranças e fale sobre o trabalho que este desenvolve em sua comunidade.

Iniciar perguntando: Tem algum líder aqui na comunidade? O que ele/ela faz? Você conhece a história dessa pessoa? Essa pessoa traz benefícios para essa comunidade?

Divida os alunos em grupo de três e os oriente a escolherem uma liderança para montar um painel. (ou para se caracterizarem e se apresentarem no dia da exposição para a comunidade) Forneça o material necessário para montagem e/ou para a apresentação.





Parte 4 - – Momento Avaliador Povo Sateré Mawé- minha tradição ancestral.

FINALIDADE DA AÇÃO: avaliar as aprendizagens adquiridas para orientação de futuras ações de ensino.

PREPARATIVOS PARA AÇÃO: Organize a sala em grupo e forneça o material necessário para produção

Externar sua opinião sobre tudo que viu e ouviu: Os indígenas deixam de ser indígenas se usarem celular? Ou se morarem em cidades? Os indígenas lutam por seus direitos ? Como?

- Em dupla gravar um vídeo falando de um aspecto importante sobre os Sateré Mawé.
- Individual - Cada aluno deverá assumir o papel de um escritor que pesquisou e se apresentar para a comunidade, se possível, trazendo as obras desse autor.
- Organizar a exposição para a comunidade escolar com as produções dos alunos.
- Decorar o espaço da Exposição com materiais naturais (Palha, madeira, artesanato)
- Pintura corporal em alguns alunos;
- Encerrar as oficinas com uma exposição com todas as produções dos alunos para a comunidade escolar.





OUTRA SUGESTÃO DE ATIVIDADE: Crie um projeto sobre a cultura indígena. Isso pode incluir a presença de indígenas na comunidade. Apresentação de danças, de artesanatos, escrever um ensaio, preparar ou até mesmo criar uma obra de arte.



VOCÊ SABIA QUE: Os Sateré Mawé acreditam e guardam o costume dos ancestrais de que o sakpó(çapó) só poderá ser feito pelas mãos de uma mulher que já fez a experiência da maternidade. Servido no momento das reuniões comunitárias, o bastão é ralado dentro de uma cuia, misturado com água, sempre no sentido horário, representando o tempo que não retrocede.

Disponível em <https://www.amazonialatitude.com/2019/08/09/o-universo-mitico-feminino-satere-mawe/acesso> em 17 fev. 2025.





VÍDEOS SUGESTÕES PARA O PROFESSOR

- Povo Sateré Mawe. Disponivel em <https://youtu.be/r1ptT11Ukf0>. Acesso em 17 de out. 2024. (14'09")
- Sabores e saberes do povo Sateré-Mawé. Disponivel em <https://youtu.be/eNliJi5Hbpw>. Acesso em 1 de nov. de 2024.
- Grafismos Sateré Mawé . Disponível em https://youtu.be/IE_50KnrjSE. Acesso em 10 de fev. 2024.
- Curiosidades sobre o Povo Sateré Mawé. Disponivel em <https://youtu.be/AikuUsT1h2M>. acesso em 21 de out.2024.
- GRAFISMO INDÍGENA e atividade de sala de aula. Disponível em <https://youtu.be/ZsbTyn2lgr4>.acesso em 05 de nov. de 2024. 16'e15"
- Hamã, Sateré-Mawé, por Dinas Miguel, grafiteiro e artista plástico. Disponível em <https://youtu.be/aqDjoVZuKw4>. Acesso em 21 out.2024. 3'30
- Entenda o que é o grafismo indígena. Disponivel em <https://youtu.be/EfGQBqJftmo>. Acesso em 21 out. 2024. 8'48.





FILMES SUGESTÕES PARA O PROFESSOR.

- GRITO DAS ÁGUAS | Lei Paulo Gustavo (Muaná Marajó /Pa). Disponível <https://youtu.be/09hPj2DpbIA>. Acesso em 21 jan. 2025. (40 minutos).
- Índia, a Filha do Sol| Drama | Filme Brasileiro Completo. Disponível em <https://youtu.be/KsDW4ZcVRCI>. Acesso em 21 jan. 2025 (1h e 16 minutos)





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse caderno intitulado “OFICINAS PEDAGÓGICAS: com a Literatura Indígena para o Ensino de História” é um recurso pedagógico que propõe atividades utilizando livro de literatura indígena contemporânea, como fonte histórica, de forma a construir conhecimentos relativos às populações indígenas. Esse material aborda, especificamente, o Povo Sateré Mawé, etnia que habita nos estados do Amazonas e Pará.

É importante destacar que é possível fazer uso dessas oficinas pedagógicas para conhecer outras etnias indígenas, devendo adequá-las aos conhecimentos históricos que se pretende construir. Também é válido lembrar que a utilização dessas atende as orientações da Lei 11.645/2008.

Neste produto educacional, foram propostas diversas atividades que mobilizam habilidades e permitem aos estudantes conhecer e compreender a riqueza da cultura das populações nativas, bem como para despertar a curiosidade sobre o protagonismo indígena. Dessa maneira, ao integrar esse Produto Educacional no currículo de história das séries iniciais do Ensino Fundamental, alinhado às orientações da BNCC os alunos têm a oportunidade de explorar temas diversos como identidade, memória, pluralidade, diversidade, cultura material e imaterial, tradição e outros.





Por fim, esperamos que as atividades propostas nesse caderno pedagógico contribuam para inspirar outras experiências docentes com a literatura indígena contemporânea em sala de aula, e que, sobretudo, resulte em atitude de respeito e de valorização para com essas populações que permaneceram por muito tempo invisibilizadas e silenciadas.





Cláudia Ferro, sou nortista de nascimento e nordestina de coração! Nasci em Belém do Pará, no ano de 1963. Formada em Biblioteconomia (UFAM – 1990); Pedagogia (UFPI – 2004); Letras Português (UFPI – 2018), atualmente Mestranda do Programa ProfHistória (Uespi-2023). Atuo como Professora Polivalente na rede pública de ensino do Estado do Piauí. Fascinada por literatura me encantei pela produção literária indígena contemporânea, passando a utilizá-la como fonte em minhas aulas de História.





REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Gabriel O. O Ritual da Tocandira entre os Sateré-Mawé: Aspectos simbólicos do Waumat. Série Antropológica. Departamento de Antropologia – UnB, nº 369. Brasília, 2005.

BARDIN, Lawrence. Análise do conteúdo. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 70^aed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BARROS, João Luiz da C. Brincadeiras e Relações Interculturais na Escola Indígena: Um Estudo de caso na etnia Sateré-Mawé. Universidade Metodista De Piracicaba Faculdade De Ciências Humanas Programa De Pós-Graduação Em Educação Piracicaba, SP 2012.

BITTENCOURT, Circe. Reflexões sobre o ensino de História. USP: Instituto de Estudos Avançados. Revista Estudos avançados, 2011 v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica. 2019. .

BRASIL. Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008, 11 de novembro de 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=27591_pareceres-da-camara-de-educacao-basica-14-2015-pdf&Itemid=30192. acesso em 06 mar.2024.





BRASIL. LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 7. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. 64 p. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdfs. Acesso em 07 jan.2025.

BRASIL. Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008, 11 de novembro de 2015. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=27591_pareceres-da-camara-de-educacao-basica-14-2015-pdf&Itemid=30192. acesso em 06 mar.2024.

BRASIL. LDB : Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 7. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. 64 p. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdfs. Acesso em 07 jan.2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008.

BORGES, Vavy Pacheco. O que é História. 12 ^ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

DORRICO, Julie. A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea. Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.2, p. 107-137, 2018.





DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. 424p.

DORRICO, Julie et all (Org). Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: autoria, autonomia e ativismo. (recurso eletrônico). Porto Alegre-RS: editora FY, 2020. 389p.

FERREIRA, Maria Salonilde. Oficina pedagógica: recurso mediador da atividade de aprender. In. RIBEIRO, Marcia Maria Gurgel e FERREIRA, Maria Salonilde. Oficina pedagógica: uma estratégia de ensino-aprendizagem. Natal: EDUFRN, 2001, 138p.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea brasileira. Belo Horizonte: Maza Edições, 2013.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em:
https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw

LIBERALI, Fernanda Coelho. Formação crítica de educadores: questões fundamentais. Taubaté-SP: Cabral, Editora e Livraria Universitária, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **Escrita indígena: registro, oralidade e literatura.** Revista Emília, São Paulo, 2011. Disponível em:
<https://emilia.org.br/escrita-indigena-registro-oralidade-e-literatura/>
Acesso em: 20 dez. 2024.





MUNDURUKU, Daniel. Histórias de índio. Ilustrações: Laura Beatriz. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

RIBEIRO, Margarete Pereira Fernandes. Guia de orientação:formação continuada de professores da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Riacho de Santana/BA. Caetité, 2021.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Marco Antônio. Letramento no ensino de história. Cadernos de história, Belo Horizonte, v. 12, n. 17, 2º semestre de 2011.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 2.ed. Petropólis: Vozes, 2002.

YAMÃ, Yaguarê. Puratig:o remo sagrado. São Paulo: Peirópolis, 2001.

_____, Sehaypóri: o livro sagrado do povo Sateré-Mawé .São Paulo: Editora Peirópolis, 2007.





ANEXOS

ANEXO A - MITO “A origem do guaraná” – versão do Povo Sateré-Mawé



Fonte: arquivo da pesquisadora (2024)





Oniawasap'i é a personagem que dá origem à história do guaraná, ela é a dona do local conhecido como Nusoken, o paraíso para os Sateré-Mawé, e possui um saber enorme sobre as plantas e os seus usos medicinais. Junto de seus dois irmãos, ela habitava o paraíso, e sua companhia era desejada por todos, desde seus irmãos, devido ao seu conhecimento sobre plantas, até os animais da floresta. Uma cobra, desejando Oniawasap'i como sua esposa, acabou a seduzindo com um perfume durante o seu caminho, e apenas tocar em um das pernas da jovem foi o suficiente para que a engravidasse.

Os irmãos de Oniawasap'i não aceitaram a gravidez e a expulsaram de sua casa. Após o nascimento da criança, os tios foram visitar a irmã, porém, de ambos, o único sentimento existente pelo seu sobrinho era de raiva. Depois de crescer, o curumim tinha vontade de comer os mesmos frutos que os tios também comiam, e pediu à sua mãe para que o levasse até as castanheiras dentro de Nusoken, e assim foi feito. Os tios foram informados que alguém havia estado ali e devorado as castanhas, e por isso ficaram à espreita esperando para ver quem era o sujeito. O menino, já conhecendo o caminho até os frutos, foi novamente para comer as castanhas, porém após descer da castanheira, foi morto pelos seus tios que deceparam sua cabeça. Sua mãe, após saber do ocorrido, foi para o local, onde cuidou do corpo do menino e realizou pajelança (ritual indígena).





Oniawasap'i arrancou primeiramente o olho esquerdo da criança e plantou em terra branca, mas a planta desse olho não prestava e foi chamada de o falso guaraná. Logo depois retirou o olho direito e o plantou em terra preta, do qual nasceu o verdadeiro waraná , o waranátuissa (guaraná tuchaua), aquele que seria capaz de guiar os seus descendentes no caminho da vida longa. O crescimento da primeira muda do fruto, com aparência de um olho de cor negra, simboliza o nascimento do primeiro Sateré-Mawé .



O guaraná cresceu dos olhos plantados por Oniawasap'i





ANEXO B - O Ritual da Tucandeira ou Tocandira

O ritual da Tukādera ou “Watiamā’sa’ary” coincide com a época de fabricação do guaraná e dura aproximadamente 20 dias. Os indígenas referem-se a este ritual como “meter a mão na luva”, também conhecido pelos regionais como “Festa da Tocandira”.

Trata-se de um rito de passagem – onde os meninos tornam-se homens – de extraordinária importância para os Sateré-Mawé, com cantos de exaltação lírica para o trabalho e o amor, e cantos épicos ligados às guerras. As luvas, chamadas de Sa’ary’pe, utilizadas durante este ritual são tecidas em palha pintada com jenipapo, e adornadas com penas de arara e gavião; nelas, o iniciado enfia a mão para ser ferroado por dezenas de formigas tucandeiras (*Paraponera clavata*).



Ritual da Tucandeira -
Povo Sateré Mawé
Fonte: Amazônia
Latitude





ANEXO C - O Puratig Ou Porantim (Símbolo Sagrado)

O Porantim, Remo Mágico Purá significa= remo, ting= pintado é uma peça talhada em madeira escura, pesada, possuindo uma infinidade de desenhos em forma geométrica. Esses desenhos têm significados, que traduzem histórias ligadas ao começo do mundo Sateré Mawé, isto é, aos primeiros dias de existência do povo, dos seres e das coisas da terra. Nos pequenos relevos, losangos e círculos talhados no Porantim, estão contidos os ciclos de lendas, os acontecimentos guerreiros, sociais, políticos e religiosos conhecidos de todos os elementos da etnia.

O remo sagrado do povo Sateré-Mawé que, segundo a tradição, resguarda relatos dos mitos e passagens dos tempos mais antigos guardados por inscrição no remo.

No livro, diz-se que Ñumaré'hi'yt foi o lendário tuxaua que guardou o remo sagrado, protegendo-o das mãos de demônios para que não fizessem mau uso do poderoso instrumento. Acredita-se que ainda hoje há duas cópias do Puratig no território Sateré-Mawé . O remo é o símbolo maior da cultura. Sua utilização perpassa por lugares lendários e mundos submersos, guardando o conhecimento do universo originário da etnia e as leis da nação, segundo a sua história milenar. Acreditam que o remo os protege e os orienta com preceitos de solidariedade e fraternidade, bem como de justiça, englobando direitos e deveres.





ANEXO D – Povo Saterê Mawé – Localização – Artesanato – A Produção do Guaraná.

O povo indígena Saterê Mawé habita a região do médio rio Amazonas em duas terras indígenas, uma denominada TI Andirá-Marau, localizada na fronteira dos estados do Amazonas e do Pará, e outra chamada TI Coatá-Laranjal, na qual vive um pequeno grupo da etnia Munduruku. A terra indígena Andirá-Marau possui 780.528 hectares e uma população de 13 mil pessoas. O seu nome se refere aos rios Andirá, em Barreirinha, e Marau, em Maués, afluentes do rio Amazonas.



Localização do Povo Sateré Mawé
Fonte: Pueblos originarios





Etimologia – Segundo algumas fontes, o nome do povo seria uma junção das palavras sateré, que significaria “lagarta de fogo”, e mawé, que significaria “papagaio inteligente e curioso”. Por outro lado, um estudo conduzido por professores da Universidade Federal do Amazonas indica que os índios reconhecem o nome “Sateré-mawé”, mas que o termo “Mawé” seria desconhecido por eles, e não significaria papagaio. Um índio entrevistado afirmou que a palavra era usada pelos brancos que não gostavam dos índios, e derivaria de “mau é”.

Maués ou Mawés é uma etnia indígena da Amazônia, também conhecida por saterémaué , sateré-mawé , maooz , mabué , mangués , manguês , jaquezes , maguases , mahués , magnués , mauris , maraguá , mahué e magueses . Falam a língua sateré -maué, integrante única da família linguística de mesmo nome, pertencente ao tronco tupi .





Artesanato e arte Indígena

A subsistência das famílias Sateré Mawé baseia-se na agricultura, com destaque para o plantio de guaraná e de mandioca. O excedente de farinha, mel, castanha, diferentes qualidades de coquinhos, breu, cipós e vários tipos de palhas são comercializados nas cidades vizinhas. A comunidade indígena também comercializa seus artesanatos e outros artefatos de grande riqueza cultural. Eles são designados por tessumi. Esse artesanato é confeccionado pelos homens com talos e folhas de caranã, arumã e outras matérias-primas extraídas da Floresta Amazônica. Os artesãos fazem peneiras, cestos, tipitis, abanos, bolsas, chapéus e também utilizam, tradicionalmente, os mesmos materiais na construção das paredes e das coberturas de suas casas. As mulheres fabricam bijouterias.



Fonte: AMISM Associação das Mulheres indígenas Satere Mawe





A produção do Guaraná

Os Sateré Mawé são conhecidos por cultivarem o guaraná. Os maués foram os inventores da cultura do guaraná. São conhecidos como “filhos do guaraná”. O fruto amazônico nativo desse território é tão importante para eles que aparece no mito fundador deste povo. Atualmente, vários indígenas Sateré Mawé residem em áreas periféricas de Manaus e formam quatro aldeias urbanas nesta região.

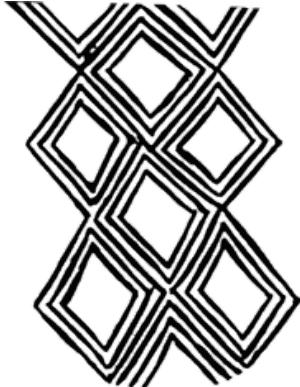
Desde os anos 1990, a comunidade indígena vem se organizando com o apoio de organizações não-governamentais e buscando autonomia econômica por meio do comércio. Terra indígena Sateré-Mawé é reconhecida como região de guaraná nativo. A terra indígena Andirá-Marau, do povo Sateré-Mawé, foi reconhecida como indicação geográfica (IG) para o guaraná nativo. Para os Sateré-Mawé , o guaraná é sagrado. Obadias explica que a planta germinou dos olhos de uma criança indígena assassinada pelos tios.

O guaraná nativo produzido pelo povo Sateré-Mawé é colhido na floresta, secada lentamente no forno de argila, desidratado e defumado artesanalmente, o que garante as propriedades como cheiro e sabor por mais tempo. Apenas o que não é consumido pela comunidade é comercializado na forma de grão, pó ou em pasta, chamada de bastão de guaraná ou pão de waraná .





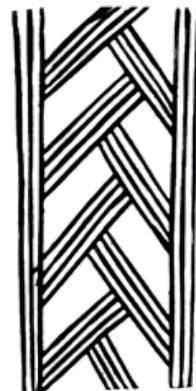
ANEXO E- Grafismo Indígena – Formas e Significados



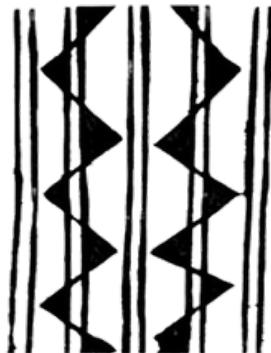
PINTURA PARA
HOMEM SOLTEIRO
"PROTEÇÃO PARA A GUERRA"



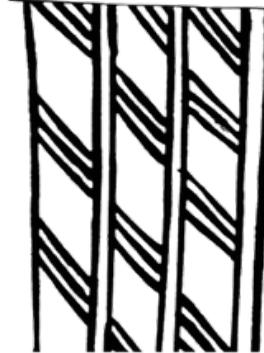
PINTURA PARA
ROSTO OU CORPO
"2 FILHOS"



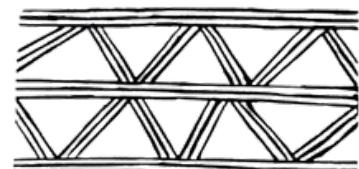
PINTURA PARA Perna
"FESTA ONDE TODOS DANÇAM"



PINTURA PARA
CASAMENTO



CASCO DO TATU – "FESTA"



MULHER JOVEM SOLTEIRA





Símbolos sagrados do povo amazônico Sateré-Mawé são retratados por mural em Parintins, no AM.



MURAL EM ALTO RELEVO PRODUZIDO PELOS ARTISTAS DE PARINTINS _ RETRATA O MUNDO, OS MITOS, OS RITOS E A COSMOLOGIA DO UNIVERSO SATERE MAWE(2021)

Fonte: Revista Cenarium



Fonte: Revista Cenarium





ANEXO F - COMO FAZER TINTA BASE CASEIRA

Ingredientes da tinta caseira Modo de preparo da tinta caseira

A base de preparo das tintas é a mesma. Por isso, vamos trazer os ingredientes e o modo de preparo aqui e, em seguida, dizer quais são os passos necessários para atingir diferentes cores.

1 copo de água;
1 colher de sopa rasa de farinha de trigo;
1 colher de chá de óleo vegetal (para deixar a tinta brilhante).

- Primeiro, leve ao fogo a água e o ingrediente a ser usado para chegar à cor desejada (como sementes de urucum, açafrão em pó e folhas de espinafre, por exemplo, como veremos adiante).
- Deixe a mistura cozinar bem, misturando para que a tonalidade fique homogênea.
- Em seguida, adicione a farinha de trigo dissolvida com um pouco de água e misture para engrossar.
- Por fim, tire do fogo, coe e adicione o óleo, misturando bem para ficar homogêneo.





Agora que você já aprendeu os ingredientes e o modo de preparo da tinta base, basta adicionar os ingredientes que traremos a seguir para chegar a cada cor e ter uma verdadeira fábrica de tintas em sua casa!





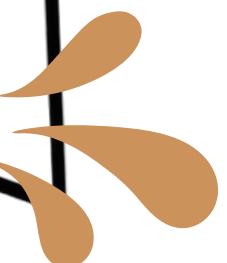
COMO FAZER TINTA BRANCA



Afinal, qual produto com pigmento branco será usado para criar a tinta branca? A opção é muito simples: corante alimentício! Siga as etapas e os pequenos terão a tinta na cor branca

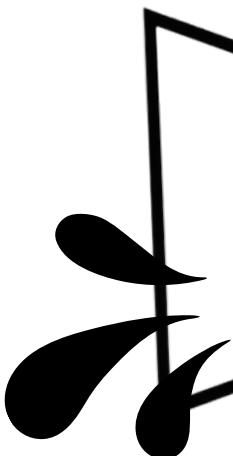
COMO FAZER TINTA MARROM

É claro que o marrom será feito com a borra de café, não é mesmo? Por isso, aproveite o restinho que sobra após coar a bebida para fazer tinta para as crianças, seguindo os mesmo passos da produção das cores anteriores.





COMO FAZER TINTA PRETA



A cor preta é feita com carvão. Quebre bem os pedaços até que fique apenas um pó, depois é só seguir as etapas aprendidas anteriormente para ter tinta preta.

COMO FAZER TINTA LARANJA

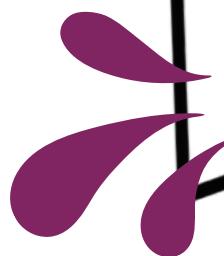
A cor laranja pode ser feita a partir do uso de suco em pó ou corante alimentício, encontrados facilmente no mercado.

Misture bem com água, adicione os outros ingredientes e você terá tinta laranja!





COMO FAZER TINTA ROXA



A tinta roxa também pode ser feita a partir de ingredientes naturais, como uvas ou repolho roxo. Então, siga os mesmos passos da produção da tinta verde, batendo os ingredientes no liquidificador, coando e seguindo as demais etapas.

COMO FAZER TINTA CINZA



O corante alimentício é uma alternativa interessante para fazer tinta cinza, mas você também pode usar argila para dar o tom acinzentado.





COMO FAZER TINTA ROSA

Fazer a tinta rosa também é um pouco diferente. É preciso cozinhar a beterraba na água. Além disso, o segredo para criar tons mais claros ou mais escuros está na quantidade de água.

Se quiser, utilize o próprio vegetal batido no liquidificador para criar cores mais intensas.



COMO FAZER TINTA VERDE

A criação da tinta verde é um pouco diferente. Comece batendo no liquidificador a água e o espinafre (adicone até conseguir a tonalidade desejada). Após bater bem, esprema o líquido em um pano e coe para que não fique resíduos na tinta.

Depois disso, é só continuar os mesmos passos da receita da tinta base.





ANEXO G - Pintura Corporal Indígena No Brasil

A pintura corporal indígena no Brasil tem suas raízes profundamente ligadas às tradições culturais e espirituais dos povos indígenas. Esta prática milenar é uma forma complexa de expressão que carrega significados sociais, religiosos e simbólicos. A pintura corporal indígena é muito mais do que um simples “acessório” estético. Para os povos indígenas do Brasil, ela é uma forma de expressão profunda que carrega significados culturais, espirituais, sociais e principalmente, é uma tradição que vem sendo passada de geração em geração, e resistindo ao tempo e ao colonialismo.

Através das tintas naturais extraídas de plantas, frutas e minerais, como o jenipapo, o urucum e a tabatinga, cada traço e cor contam uma história, revelam uma identidade e celebram a diversidade que existe entre as centenas de povos espalhados pelo território brasileiro.

Cada povo possui a sua própria pintura, utilizando elementos, grafismos, desenhos e símbolos próprios, sendo também utilizadas como uma forma de representar sua própria etnia. Os materiais utilizados são altamente resistentes e costumam durar cerca de 15 a 20 dias. E o principal: cada traço possui o seu próprio significado e podem variar de acordo com a comunidade, mas, normalmente, simboliza sentimentos, como a alegria da chegada de um novo membro ou a revolta pela violência sofrida, por exemplo. Além disso, podem representar um rito de passagem, tristeza e até mesmo o luto.





1.QUAL A ORIGEM DAS PINTURAS CORPORAIS INDÍGENAS?

A origem da pintura corporal indígena no Brasil está profundamente enraizada nas tradições culturais e espirituais dos povos indígenas, sendo uma prática milenar que é vista como uma forma de expressão complexa que envolve significados sociais, religiosos e simbólicos.

A origem dessa prática é de muito antes da chegada dos colonizadores europeus ao Brasil. Diferentes povos indígenas desenvolveram técnicas e padrões únicos de pintura corporal, que não só diferenciavam visualmente os membros de cada grupo, mas também comunicavam informações importantes sobre status social, afiliação a uma determinada comunidade, papel em rituais religiosos, entre outros aspectos.

Apesar dos séculos de colonização e tentativa de apagamento cultural, a pintura corporal indígena persiste como uma expressão vital da resistência cultural desses povos. Em muitos casos, a pintura corporal se tornou também um símbolo de luta e reivindicação por direitos e reconhecimento, sendo adotada em manifestações e encontros que buscam a valorização e proteção dos povos indígenas e seus territórios. Ou seja, é uma prática ancestral que vai além da estética, carregando significados identitários importantes.





2. COMO AS PINTURAS SÃO FEITAS?

Cada povo indígena possui suas próprias tradições e significados associados à pintura corporal. Entre os Yanomami, por exemplo, a pintura é usada em rituais que marcam a passagem de ciclos importantes da vida, como a puberdade e o casamento. Já para os Kayapó, o uso de desenhos geométricos representa a ligação entre o ser humano e a natureza, destacando o papel central que a floresta e os rios desempenham em sua cosmologia.

Os materiais usados também variam conforme a região e os recursos disponíveis. O jenipapo, uma fruta que produz uma tinta azulada quando fermentada, é amplamente utilizado pelos povos da Amazônia. O urucum, que gera um tom avermelhado, é outra planta de importância cultural, simbolizando a força e a resistência. Já com a tabatinga é possível conseguir um pigmento branco. Tudo isso misturado com gordura animal ou óleo de plantas para fixar a cor na pele. As técnicas de aplicação variam, podendo ser feitas com os dedos, com hastes de madeira ou pincéis feitos de fibras vegetais.

Para boa parte dos povos, as mulheres são responsáveis pela tradição da pintura corporal, ou seja, são elas que pintam os corpos e reproduzem os desenhos simbólicos para sua comunidade e para o momento vivido.





3. QUAIS SÃO OS TIPOS DE PINTURA CORPORAL INDÍGENA?

A pintura corporal indígena no Brasil é uma prática que carrega inúmeros significados, sendo uma forma de expressão da identidade dos povos originários. Dentro dessa diversidade, cada pintura é realizada para determinada circunstância ou celebração, por exemplo:

3.1. PINTURA RITUALÍSTICA

Muitos povos utilizam a pintura corporal em rituais e cerimônias, como forma de honrar os espíritos, celebrar eventos importantes ou marcar transições na vida de um indivíduo. As cores e os padrões variam conforme o ritual e a tradição. Por exemplo, em algumas culturas, os guerreiros são pintados antes de batalhas ou caçadas para invocar proteção e força. Já em outras, as pinturas podem ser usadas em cerimônias de cura ou de passagem, como a iniciação dos jovens na vida adulta.

3.2. PINTURA DE GUERRA

A pintura de guerra é uma prática comum entre diversas etnias indígenas. Ela não apenas intimida o inimigo, mas também fortalece o guerreiro, dando coragem para enfrentar o que vem pela frente. Os padrões geométricos e as cores, como o vermelho e o preto, são predominantes. Cada traço e desenho pode ter um significado específico, como a representação de animais ou de elementos naturais que conferem poder ao guerreiro.





3.3. PINTURA DE ADORNO

A pintura corporal também pode ser utilizada como adorno, para embelezar o corpo e destacar a beleza individual. Em algumas culturas, as mulheres indígenas pintam o corpo com grafismos delicados e cores vibrantes, utilizando pigmentos naturais, como o urucum (vermelho) e o jenipapo (preto). Esses desenhos muitas vezes são temporários e renovados periodicamente, refletindo o estado de espírito ou a estação do ano.

3.4. PINTURA DE PERTENCIMENTO

Cada povo indígena possui padrões específicos de pintura que indicam a sua identidade e pertencimento a um grupo. Esses desenhos podem ser usados diariamente ou em ocasiões especiais, e são uma forma de reforçar a conexão e a continuidade das tradições. Por exemplo, os Kaxinawá utilizam desenhos complexos que representam suas mitologias e história, transmitindo conhecimento de geração em geração através da pintura.

3.5. PINTURA DE PROTEÇÃO

Em muitas culturas indígenas, acredita-se que a pintura corporal oferece proteção espiritual contra forças negativas e doenças. As cores e os padrões utilizados são escolhidos cuidadosamente para formar uma espécie de escudo espiritual. Essa prática pode ser observada em rituais de cura, onde o pajé ou xamã pinta o corpo do doente como parte do tratamento.





4. PINTURA CORPORAL INDÍGENA ATUALMENTE

Como dito anteriormente, as pinturas são um marco da resistência indígena e da coragem em manter tradições originárias mesmo após todo o processo de colonização e o próprio preconceito que ainda hoje existe na sociedade. Nos últimos anos, a pintura corporal indígena também se tornou uma poderosa ferramenta de expressão política. Muitos povos têm utilizado suas pinturas como forma de protesto e resistência contra a invasão de terras, o desmatamento, o avanço dos garimpos e a marginalização social. A juventude indígena, tem desempenhado um papel fundamental na adaptação e continuidade da prática da pintura corporal. Muitos jovens redescobrem estas tradições com seus familiares mais velhos, adaptando-as a novos contextos, como redes sociais e movimentos culturais contemporâneos.

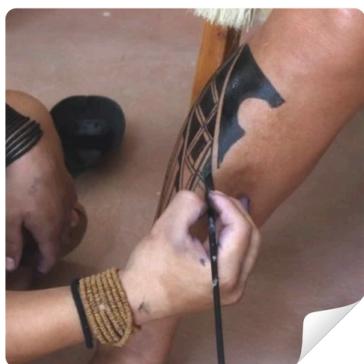
Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/pintura-corporal-indigena-significados-e-origens,5df0b9d91fa8e72123c46ba7521de2e9owzxb2qc.html?utm_source=clipboard. Acesso em 22 de out. 2024.





ANEXO H- Pintura Corporal – Sateré Mawé

Para fortalecer cultura indígena, jovem Sateré-Mawé faz ‘tatuagens’ com grafismos no AM - 10 de junho de 2022



Pintura corporal de Amadeu Sateré, em Manaus. (Ricardo Oliveira/Revista Cenarium-2022)



Grafismo feito por Amadeu Sateré
Fonte: Revista Cenarium (2022)

MANAUS – No Parque das Tribos, o primeiro bairro indígena de Manaus, o adolescente, da etnia Sateré-Mawé, já se acostumou a ter as mãos manchadas pela tinta que dura 20 dias quando fixada na pele. O interesse pelo grafismo surgiu há 7 anos, quando do início da ocupação do bairro, e desde então se tornou para o jovem mais uma oportunidade de manifestar e fortalecer as diversas culturas dos povos indígenas.





O grafismo é uma forma de expressão que pode ser manifestada de várias formas, como nas cestarias e nas cerâmicas. O jovem Amadeu expressa essa arte fazendo “tatuagens temporárias”, com o produto feito de jenipapo, na pele de quem desejar ficar marcado.

De acordo com Amadeu (artista indígena), cada etnia pode ser representada por uma pintura corporal com características específicas, o que torna possível a identificação e também a diferenciação entre os povos. As pinturas corporais representam ainda a sacralidade e a proteção espiritual diante das adversidades. Em momentos de conflitos, os indígenas se pintam com a tinta e os grafismos para se sentirem fortalecidos, como conta a também moradora do Parque das Tribos, Luciana Munduruku.



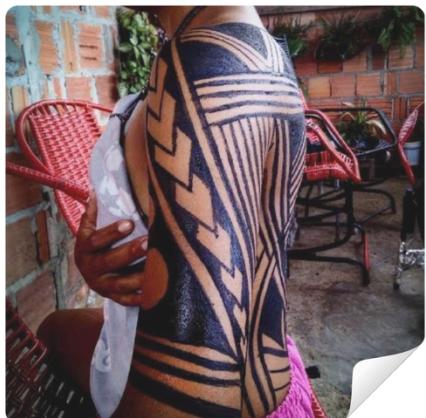
Pintura corporal de
Adolfo Oliver – indígena
do povo SateréMawé
Fonte: Revista Cenarium





Sagrado

De acordo com Amadeu, cada etnia pode ser representada por uma pintura corporal com características específicas, o que torna possível a identificação e também a diferenciação entre os povos. As pinturas corporais representam ainda a sacralidade e a proteção espiritual diante das adversidades. Em momentos de conflitos, os indígenas se pintam com a tinta e os grafismos para se sentirem fortalecidos, como conta a também moradora do Parque das Tribos, Luciana Munduruku.



Grafismo feito por Amadeu Sateré(Reprodução/Instagram)

Grafismo feito por Amadeu Sateré(Reprodução/Instagram)





ANEXO I – Amazônia Sateré Mawé: A Essência da Vida (2018)
Amazônia Sateré-Mawé: A Essência da Vida
Composição: Silvio Araujo

Filho de Monã, Noçoken!
 Filhos do Guaraná
 Amazônia Sateré-Mawé: A Essência da Vida
 Preservação!
 Hei, hei, hauê, hei a hei
 Sou Malrie, (malrie) Maraguá, (maraguá)
 Mahué, (mahué) Sateré, (sateré)
 A floresta minha casa
 A aldeia o meu lar
 Fui criado em Sesé
 Banhado em igarapé
 Na minha dança Inhambé
 Ensinado pelo pajé
 Fui forjado na guerra, na caça
 Na pesca é no plantar
 Olhos do Guaraná!
 Força errante andante o caminhar
 Hera, heira, hei
 Papagaio falante, lagarta de fogo
 A celebrar
 Sou aquele menino, guerreiro
 Enfrentando a dor!
 Hei a, hei a, hei
 Genipapo no braço, na luva o traço!
 Hei a, hei a, hei
 Tucandeira! Tucandeira! Tacande!
 Anauê, Anauê
 Que rufem tambores, Vibrar maracás
 Cada um nessa noite mawé, vai incorporar
 Filhos de Monã, Noçoken!
 Filhos do Guaraná
 Amazônia Sateré-Mawé: A Essência da Vida
 Preservação!





Já dizia o sábio pai'ini pajé Sateré-Mawé
 Para a mãe terra Amazônia continua sendo a essência da vida
 É Preciso vivermos em harmonia com a natureza
 Assim o verde se perpetuará
 É o canto dos pássaros nunca mais silenciará!
 Força errante andante o caminhar
 Hera, heira, hei
 Papagaio falante, lagarta-de-fogo
 A celebrar
 Sou aquele menino, guerreiro enfrentando a dor!
 Hé, há, hé, há, hei
 Genipapo no braço, na luva o traço!
 Hé, há, hé, há, hei
 Tucandeira! Tucandeira! Tacande!
 Anauê, Anauê
 Somos o povo, somos floresta
 Preservação sou enlace da vida
 Sou o povo mawé!
 Filhos de Monã, Noçoken!
 Filhos do Guaraná
 Amazônia Sateré-Mawé: A Essência da Vida
 Preservação!

VOCÊ PODE ACESSAR A MUSICA AGORA!





Amazônia Sateré-Mawé: A Essência da Vida - Um Canto de Preservação e Identidade

A música "Amazônia Sateré-Mawé: A Essência da Vida" da etnia Muirapinima é uma celebração da cultura e da identidade do povo Sateré-Mawé, uma tribo indígena da Amazônia. A letra destaca a importância da preservação da floresta e da harmonia com a natureza, elementos centrais na vida e na cosmovisão desse povo. A repetição de frases como "Filhos de monan, Noçoken!" e "Filhos do Guaraná!" reforça a conexão espiritual e cultural dos Sateré-Mawé com a terra e o guaraná, planta sagrada e essencial para a etnia..

A música também aborda a formação e os ritos de passagem dos jovens guerreiros, como a dança Inhambé e o ritual da Tucandeira, onde os meninos enfrentam a dor para se tornarem guerreiros. Esses rituais são fundamentais para a identidade e a coesão social da tribo, simbolizando a força, a resistência e a sabedoria transmitida pelos anciãos e pajés. A referência ao jenipapo, usado para pintar o corpo, e ao maracá, instrumento musical, são símbolos da cultura material e espiritual dos Sateré-Mawé.

Além disso, a música é um chamado à preservação da Amazônia, vista como a "essência da vida". A letra enfatiza a necessidade de viver em harmonia com a natureza para garantir a perpetuação do verde e o canto dos pássaros. A mensagem é clara: a preservação da floresta é vital não apenas para os Sateré-Mawé, mas para toda a humanidade. A música, portanto, é um poderoso manifesto cultural e ambiental, que busca sensibilizar e conscientizar sobre a importância de proteger a Amazônia e respeitar os povos indígenas que nela habitam.





ANEXO J – Rito Saterê (Boi Caprichoso) 2019

Composição: Ademar Azevedo / Davi Jerônimo

Aiuêçaika Porantin (6x)
 Cantos e danças sagradas
 No rio de fé - Saterê Maué
 A nação Maué Saterê (Bis)
 No ritual da iniciação (Bis)

O chefe tuxaua traz o
 curumim
 Enfeita o terreiro pra
 celebração
 As mãos do menino
 entreguem ao ferrão
 Ao som do iambé, no sá ari
 pé

Taóka ferrão agudo
 Invasores da floresta-
 tucandeira
 Tarakúas cordão de morte
 Saracutingas amarelas-
 tucandira (2x)

A tribo se separou
 O remo mágico anunciou
 O grande pajé
 Iacoamã Icumaató
 Com a força do Porantim
 Inicia o curumim
 A tribo a noite inteira
 Festejam todos os guerreiros
 Na dança da tucandeira
 Tem caxiri, tarubá e guaraná-
 çapó óóó





Rito Saterê: Uma Celebração da Cultura Indígena

A música "Rito Saterê" do Boi Caprichoso é uma celebração vibrante e respeitosa da cultura e dos rituais da tribo Saterê-Maué, um grupo indígena do Brasil. A letra da música destaca o rito de iniciação dos jovens curumins, um momento crucial na vida dos membros da tribo, onde eles são introduzidos às tradições e responsabilidades da vida adulta. O uso de termos como "tuxaua" (chefe) e "curumim" (criança) reforça a autenticidade e a profundidade cultural da canção.

A música também faz referência ao "ferrão" e à "tucandeira", que são elementos centrais no ritual de iniciação. Os jovens são submetidos à picada das formigas tucandeiras, um teste de resistência e coragem. Este rito é acompanhado por cantos e danças sagradas, simbolizando a conexão espiritual e a força da comunidade. A presença do "grande pajé" e do "remo mágico" indica a importância dos líderes espirituais e dos elementos místicos na cultura Saterê-Maué.

Além disso, a música menciona bebidas tradicionais como "caxiri", "tarubá" e "guaraná-çapó", que são consumidas durante as celebrações. Esses elementos não só enriquecem a narrativa da música, mas também destacam a riqueza e a diversidade das tradições indígenas. A letra de "Rito Saterê" é uma homenagem à resiliência e à vitalidade da cultura Saterê-Maué, celebrando a união e a força da tribo através de seus rituais e festividades.

